



Universidade Estadual
da Região Tocantina
do Maranhão



UNIVERSIDADE ESTADUAL DA REGIÃO TOCANTINA DO MARANHÃO
PROGRAMA DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES CAMINHOS DO SERTÃO CURSO
DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS LICENCIATURA

CLAUDECI SILVA LINDOSO

**CONHECIMENTO TRADICIONAL E CONSERVAÇÃO DE ESPÉCIES ARBÓREAS
DE AMARANTE DO MARANHÃO**



Universidade Estadual
da Região Tocantina
do Maranhão



CLAUDECI SILVA LINDOSO

CONHECIMENTO TRADICIONAL E CONSERVAÇÃO DE ESPÉCIES ARBÓREAS DE AMARANTE DO MARANHÃO

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Ciências Biológicas Licenciatura, do Programa de Formação de Professores Caminhos do Sertão, da Universidade Estadual da Região Tocantina do Maranhão - UEMASUL, como requisito para obtenção de título de Licenciado em Ciências Biológicas.

Orientador(a): Professor Dr. Zilmar Timoteo Soares.

Amarante do Maranhão – MA
2026



Universidade Estadual
da Região Tocantina
do Maranhão



CLAUDECI SILVA LINDOSO

CONHECIMENTO TRADICIONAL E CONSERVAÇÃO DE ESPÉCIES ARBÓREAS DE AMARANTE DO MARANHÃO

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Ciências Biológica Licenciatura, do Programa de Formação de Professores Caminhos do Sertão, da Universidade Estadual da Região Tocantina do Maranhão - UEMASUL, como requisito para obtenção de título de Licenciado em Ciências Biológicas.

Orientador(a): Prof. Dr. Zilmar Timoteo Soares.

APROVADO/A EM: 02/06/2026

BANCA EXAMINADORA



Documento assinado digitalmente

ZILMAR TIMOTEO SOARES

Data: 22/06/2026 08:47:18-0300

Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Dr. Zilmar Timoteo Soares

Documento assinado digitalmente



JEOVANIA OLIVEIRA LIMA

Data: 22/06/2026 07:26:54-0300

Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Profª. Ma. Jeovania Oliveira Lima

Documento assinado digitalmente



PEDRO TIAGO PEREIRA LEITE

Data: 21/06/2026 21:32:48-0300

Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Me. Pedro Tiago Oliveira Leite

L747c

Lindoso, Claudeci Silva

Conhecimento tradicional e conservação de espécies arbóreas de amarante do maranhão. / Claudeci Silva Lindoso. – Amarante do Maranhão, MA, 2026.

25 f. ; il.

Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Ciências Biológicas)
Programa de Formação de Professores Caminhos do Sertão – Universidade Estadual da Região Tocantina do Maranhão – UEMASUL, Imperatriz, MA, 2026.

1. Etnobotânica. 2. Amarante do Maranhão. 3. Diversidade arbórea. 4. Saberes tradicionais. 5. Conservação ambiental. I. Título.

CDU 57

Ficha elaborada pela Bibliotecária: **Jarina Serra Santos CRB – 13/953**



Universidade Estadual
da Região Tocantina
do Maranhão



DEDICATORIA

Dedico este trabalho à minha amada esposa, **Raymunda Oliveira**, pelo companheirismo incondicional, paciência e por ser o meu porto seguro em todos os momentos dessa jornada. E aos meus queridos filhos, **Anastácio Lindoso** e **Adonias Lindoso**, que são a minha maior inspiração e o motivo de cada esforço meu. Esta conquista é nossa!



AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar agradeço a Deus, por ser o autor da minha vida, a minha rocha e a minha fortaleza. Agradeço pelo dom da sabedoria, pela saúde e por renovar as minhas forças nos dias mais difíceis, me permitindo concluir esta etapa com fé e perseverança.

À minha amada família em especial à minha esposa, Raymunda Oliveira, e aos meus filhos, Anastácio Lindoso e Adonias Lindoso, que são a razão de todo o meu esforço. Obrigado pelo amor incondicional, pelo suporte nos momentos de ausência e por compreenderem o tempo que precisei dedicar aos estudos. Esta vitória é nossa!

Ao meu orientador, Prof. Dr. Zilmar Timóteo, pela paciência, pela confiança depositada em mim e pela excelente condução deste trabalho. Seus ensinamentos, rigor acadêmico e incentivo foram fundamentais não apenas para o desenvolvimento deste TCC, mas para a minha formação como profissional e pesquisador da Biologia.

À minha igreja, por ser um ambiente de refúgio, paz e fortalecimento espiritual. Agradeço imensamente pelas orações, pelas palavras de encorajamento dos irmãos e pelo apoio comunitário que me sustentou emocional e espiritualmente ao longo desses anos.

À minha querida turma de Ciências Biologia, pela convivência, pelas discussões acadêmicas e pela parceria única. Compartilhar os laboratórios (Visitas técnicas), os estudos sobre a vida e os desafios da graduação com vocês tornou essa jornada muito mais rica e inesquecível. Levarei cada aprendizado e cada colega no coração.

A todos os meus amigos, que, de perto ou de longe, souberam entender meus sumiços, me incentivaram com palavras de apoio e celebraram cada pequena vitória comigo. A presença de vocês na minha vida é um privilégio.

Por fim, a todos que, direta ou indiretamente, colaboraram para que este sonho se tornasse realidade, o meu muito obrigado.



RESUMO

Este estudo analisa a diversidade arbórea em Amarante do Maranhão através da integração entre o conhecimento tradicional e a taxonomia científica, visando subsidiar estratégias de conservação e educação ambiental em uma zona de transição Amazônia-Cerrado. Por meio de uma metodologia mista envolvendo entrevistas com 18 especialistas locais, foram catalogadas 37 espécies arbóreas, sendo a Aroeira, o Ipê Amarelo e o Jatobá as mais citadas devido às suas propriedades estruturais e resistência. Os resultados indicam uma percepção unânime sobre a diminuição da vegetação local, evidenciando que, embora a comunidade valorize a união de saberes para a preservação, atividades como a pecuária extensiva ainda representam a principal pressão ambiental na região. Conclui-se que o fortalecimento do diálogo etnobotânico é essencial para converter a consciência ambiental em ações práticas de manejo sustentável e proteção do patrimônio biológico maranhense.

Palavras-chave: Etnobotânica; Amarante do Maranhão; diversidade arbórea; saberes tradicionais; conservação ambiental.



Universidade Estadual
da Região Tocantina
do Maranhão



ABSTRACT

This study analyzes tree diversity in Amarante do Maranhão through the integration of traditional knowledge and scientific taxonomy, aiming to support conservation and environmental education strategies in an Amazon-Cerrado transition zone. Using a mixed methodology involving interviews with 18 local experts, 37 tree species were cataloged, with the Aroeira, Yellow Ipê, and Jatobá being the most frequently cited due to their structural properties and resistance. The results indicate a unanimous perception of the decrease in local vegetation, highlighting that, although the community values the union of knowledge for preservation, activities such as extensive livestock farming still represent the main environmental pressure in the region. It is concluded that strengthening ethnobotanical dialogue is essential to convert environmental awareness into practical actions for sustainable management and protection of Maranhão's biological heritage.

Keywords: Ethnobotany; Amarante do Maranhão; Tree Diversity; Traditional Knowledge; Environmental Conservation.



SUMÁRIO

Sumário

1. INTRODUÇÃO	10
2. METODOLOGIA DA PESQUISA	13
2.1 Natureza e Tipologia da Pesquisa.....	13
2.2 Área de Estudo e Contexto Ecológico	13
2.3 Seleção de Informantes e Amostragem	14
2.4 Coleta de Dados Etnobotânicos.....	14
2.5 Análise de Dados e Enotaxonomia	15
3. RESULTADOS E DISCUSSÕES	15
3.1 Diversidade Taxonômica e Enotaxonomia.....	15
3.2 Usos, Benefícios e Interação Homem-Natureza	18
3.3 Percepção Ambiental e Diálogo de Saberes.....	19
3.4 Desafios da Conservação e Impactos Rurais	20
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	21
REFERÊNCIAS	22
ANEXO A – QUESTIONÁRIO DE PESQUISA	24

1 INTRODUÇÃO

A vegetação brasileira abriga uma das maiores biodiversidades arbóreas do planeta, com destaque para as florestas tropicais, os cerrados e demais ecossistemas que compõem o território nacional. Essa riqueza botânica manifesta-se em diferentes biomas e configurações ecológicas, sustentando uma ampla variedade de espécies que desempenham papéis fundamentais nos ciclos ecológicos, na economia e na cultura de diversas regiões do país. De acordo com Myers et al. (2000), o Brasil figura entre os países com maior diversidade biológica do mundo, sendo reconhecido como um dos principais hotspots globais de biodiversidade, especialmente em razão de suas extensas florestas tropicais e formações savânicas.

O conhecimento popular acerca das espécies vegetais, também denominado conhecimento etnobotânico, constitui importante ferramenta para a compreensão das relações estabelecidas entre as populações humanas e o meio ambiente. Segundo Diegues (2000), os saberes locais representam formas legítimas de conhecimento, resultantes de interações históricas entre comunidades e seus ecossistemas. Nesse contexto, a nomenclatura popular das espécies arbóreas pode refletir características morfológicas, usos medicinais, madeireiros ou simbólicos, que nem sempre coincidem com os critérios adotados pela classificação científica (Albuquerque; Hanazaki, 2009).

O reconhecimento da megadiversidade brasileira, especialmente nos domínios da Amazônia e do Cerrado, é continuamente validado e monitorado em âmbito federal. Conforme dados recentes divulgados pelo Serviço Florestal Brasileiro no Boletim SNIF 2024, o país mantém o compromisso com o inventário e a gestão sustentável de suas florestas. Entretanto, o êxito de programas de monitoramento em larga escala, como o Inventário Florestal Nacional (IFN), depende da complementação por estudos florísticos detalhados em escala local. O presente TCC, ao focalizar a diversidade arbórea de Amarante do Maranhão, contribui diretamente para a ampliação dessa base de dados e inova ao integrar a nomenclatura popular. Essa abordagem favorece a produção de informações mais precisas, culturalmente relevantes e alinhadas à realidade das populações que interagem cotidianamente com a flora regional (Serviço Florestal Brasileiro, 2024).

A relevância da diversidade arbórea brasileira também é constantemente reafirmada por órgãos oficiais por meio de sistemas nacionais de monitoramento ambiental. Segundo o Boletim SNIF (2024), publicado pelo Serviço Florestal Brasileiro, o país mantém papel estratégico no cenário global de conservação, disponibilizando dados atualizados sobre a extensão e o estado de seus domínios florestais, incluindo os biomas Amazônia e Cerrado.

Contudo, programas de monitoramento em grande escala, como o IFN, dependem do detalhamento fornecido por pesquisas regionais. Nesse sentido, o estudo desenvolvido em Amarante do Maranhão busca suprir a carência de dados florísticos específicos para uma zona de transição ecológica crítica e, adicionalmente, integrar o conhecimento popular — frequentemente ausente nos inventários formais — como instrumento essencial para a identificação e conservação efetiva das espécies arbóreas locais.

A taxonomia científica, por sua vez, fundamenta-se em princípios sistemáticos de identificação, descrição e nomenclatura das espécies, conforme estabelecido pelo Código Internacional de Nomenclatura Botânica. A comparação entre nomes populares e nomes científicos pode evidenciar tanto a precisão do conhecimento tradicional quanto a complexidade existente na tradução entre distintos sistemas classificatórios (Martin, 1995). Nesse contexto, torna-se essencial promover o diálogo entre diferentes formas de conhecimento, valorizando a contribuição das comunidades locais para a identificação e conservação da biodiversidade.

No contexto regional, o estado do Maranhão destaca-se pela diversidade de biomas e ecossistemas presentes em seu território. O estado abriga paisagens características de diferentes macroregiões brasileiras, incluindo florestas, babaçuais, manguezais, cerrados, campos naturais e restingas. Parte significativa dessas áreas integra unidades de conservação, como parques, reservas e Áreas de Proteção Ambiental (APAs), destinadas à preservação da riqueza ecológica e ao uso sustentável dos recursos naturais. Segundo o Ministério do Meio Ambiente (MMA, 2018), o Maranhão contém porções relevantes dos biomas Amazônia e Cerrado, além de pequena faixa associada à Caatinga, tornando o estado estratégico para ações de conservação da biodiversidade.

Nesse cenário, o município de Amarante do Maranhão apresenta significativa relevância ecológica e cultural. Localizado na região sudoeste do estado, o município originou-se do distrito de Amarante do Grajaú, sendo elevado à categoria de município pela Lei Estadual nº 996, de 21 de outubro de 1953, com instalação oficial em 1º de janeiro de 1954. Desde então, mantém-se constituído apenas pelo distrito-sede, sem alterações territoriais relevantes. O município situa-se a aproximadamente 636 km da capital São Luís, com tempo médio de deslocamento superior a dez horas por via terrestre. Conforme dados do IBGE (2022), Amarante do Maranhão integra a microrregião do Alto Mearim e Grajaú e localiza-se em uma zona de transição entre os biomas Amazônia e Cerrado, fator que amplia sua importância ambiental.

A diversidade arbórea local, inserida nessa zona de transição ecológica, revela grande importância tanto do ponto de vista ambiental quanto sociocultural. As populações locais atribuem nomes populares às espécies presentes em seu cotidiano, baseando-se em usos medicinais, alimentares, madeireiros e simbólicos. Tal prática constitui um amplo acervo de conhecimento tradicional que, quando comparado à nomenclatura científica, evidencia convergências e divergências entre diferentes sistemas de classificação biológica.

Apesar da reconhecida riqueza biológica do Maranhão, a necessidade de inventariar e proteger o patrimônio vegetal, sobretudo em áreas submetidas a pressões antrópicas crescentes, torna-se cada vez mais urgente. Estudos realizados no estado, como o levantamento florístico conduzido por Frazão (2017) na Área de Proteção Ambiental do Maracanã, demonstram que mesmo ambientes periurbanos mantêm elevada diversidade biológica, exigindo ações de manejo e conservação. Esses trabalhos evidenciam que o conhecimento detalhado das espécies constitui ponto de partida para qualquer estratégia de preservação ambiental. Dessa forma, o presente estudo em Amarante do Maranhão, ao ultrapassar o simples inventário botânico e integrar a nomenclatura popular, busca oferecer uma ferramenta de conservação mais robusta e socialmente inclusiva para a zona de transição Amazônia-Cerrado.

Este trabalho, portanto, justifica-se pela integração do conhecimento tradicional à taxonomia botânica em Amarante do Maranhão, visando tornar a identificação da flora mais inclusiva e cientificamente completa, pois situado em uma zona crítica de transição entre Amazônia e Cerrado, o estudo supre lacunas na literatura regional e fornece bases práticas para o manejo sustentável e a educação ambiental. Ao promover esse diálogo de saberes, a pesquisa alinha-se aos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável da ONU (ODS 4 e 15), valorizando o patrimônio cultural e biológico maranhense como estratégia central de conservação.

Diante desse contexto, O presente estudo tem como objetivo geral analisar a diversidade arbórea de Amarante do Maranhão, estabelecendo uma correlação entre os nomes populares utilizados pela comunidade e a classificação científica das espécies. Para isso, a pesquisa busca catalogar a flora local, identificar os múltiplos usos atribuídos às plantas pelos especialistas tradicionais e produzir subsídios que fortaleçam as ações de educação ambiental e a conservação desse patrimônio biológico em uma zona de transição ecológica estratégica.

2 METODOLOGIA DA PESQUISA

2.1 Natureza e Tipologia da Pesquisa

Esta pesquisa caracteriza-se como um estudo de campo de natureza exploratória e descritiva, fundamentada em uma abordagem mista que integra as dimensões qualitativa e quantitativa. A etnobotânica é aplicada como o campo central de investigação, permitindo compreender as inter-relações diretas entre o ser humano e os vegetais dentro de um sistema dinâmico que alia cultura e ambiente.

O rigor acadêmico do trabalho sustenta-se no diálogo entre as perspectivasêmica e ética, buscando equilibrar o saber tradicional local com o olhar científico sistemático. Essa metodologia visa superar a descrição simples, produzindo dados comparáveis e fundamentados em testes de hipóteses sobre a percepção da flora regional.

2.2 Área de Estudo e Contexto Ecológico

O levantamento foi realizado no município de Amarante do Maranhão, situado no sudoeste maranhense, abrangendo uma área de aproximadamente 7.441 km². A escolha da região justifica-se por sua posição geográfica estratégica em uma zona de transição crítica entre os biomas Amazônia e Cerrado, o que resulta em uma biodiversidade arbórea singular e em um mosaico de habitats complexos, como demonstrado na Tabela 1.

Tabela 1. Indicadores geográficos e ambientais de Amarante do Maranhão.

Indicador	Descrição/Valor
Localização	Mesorregião Oeste Maranhense
Coordenadas Geográficas	-05°33'36" S e -46°44'24" O
Área Territorial	Aproximadamente 7.441,771 km ²
Altitude Média	249 metros
Biomas de Transição	Amazônia e Cerrado
Clima (Köppen)	Tropical subúmido (AW')
Pluviosidade Média	1.426 mm/ano

Fonte: Autor, 2026.

A pesquisa priorizou comunidades rurais onde a interação entre a população e o meio ambiente encontra-se historicamente consolidada. Nessas áreas, a diversidade vegetal

desempenha funções vitais nos ciclos ecológicos e na economia local, servindo de base para saberes ancestrais transmitidos entre gerações.

2.3 Seleção de Informantes e Amostragem

A amostragem consistiu na seleção de 18 especialistas locais, indivíduos reconhecidos por seus pares como detentores de profundo saber sobre a flora regional, detalhados na Tabela 2. O critério de escolha focou em lavradores e moradores que dependem diretamente dos recursos vegetais para sua reprodução socioeconômica e cultural.

Tabela 2. Perfil socioprofissional dos especialistas locais entrevistados.

Categoria de Análise	Descrição da Amostra
Total de Informantes	18 especialistas
Critério de Seleção	Notório saber tradicional e dependência direta da flora
Perfil Principal	Lavradores e moradores rurais
Base Cultural	"Cultura rústica" (matrizes indígenas e coloniais)
Localização	Diversas localidades do município de Amarante

Fonte: Autor, 2026.

Esses informantes representam o modelo de "cultura rústica" brasileira, mantendo vivos saberes influenciados por matrizes indígenas e coloniais sobre os ciclos da natureza. A inclusão desses atores é essencial, uma vez que funcionam como os guardiões de dados botânicos que muitas vezes não constam em inventários acadêmicos formais.

2.4 Coleta de Dados Etnobotânicos

Os dados foram coletados por meio de entrevistas semiestruturadas, utilizando um questionário compostas por 19 questões divididas entre perfil pessoal e conhecimento empírico das árvores (Tabela 3). O método incluiu tarefas de listagem livre (listing tasks), técnica consolidada para acessar o fluxo de conhecimento e o significado cultural das espécies para o grupo.

Tabela 3. Estrutura da Ficha Catalográfica aplicada na pesquisa.

Seção da Ficha	Quantidade de Questões	Foco da Investigação
Perfil Pessoal	6	Identificação e nível de escolaridade
Conhecimento Empírico	13	Nomes populares, usos e benefícios das árvores
Percepção Ambiental	Integrada	Visão sobre a diminuição da vegetação local
Total	19	—

Fonte: Autor, 2026.

As abordagens focaram na denominação popular, usos práticos e percepção ambiental, especialmente sobre a redução da cobertura vegetal local. Todo o processo foi realizado mediante consentimento dos participantes, garantindo que o contato direto gerasse interpretações confiáveis sobre a relação sociedade-natureza.

2.5 Análise de Dados e Etnotaxonomia

A análise consistiu na comparação entre a nomenclatura popular e a classificação científica formal, organizando-se os resultados em planilhas e tabelas comparativas. Essa técnica de etnotaxonomia permitiu identificar convergências e divergências taxonômicas, tratando a biodiversidade como uma construção cultural derivada do manejo local

A importância de cada espécie foi quantificada por meio do cálculo de frequência de citações, permitindo identificar táxons de alta relevância como a Aroeira e o Jatobá. Além da análise numérica, buscou-se correlacionar o saber local ao nível de formação escolar, validando a integração de saberes para construir estratégias de conservação mais inclusivas

3 RESULTADOS E DISCUSSÕES

3.1 Diversidade Taxonômica e Etnotaxonomia

Os resultados obtidos a seguir foram coletados através de um questionário que foi distribuída a 18 pessoas pertencentes a diferentes localidades do município de Amarante do Maranhão, o questionário em questão contemplava 19 perguntas, sendo 6 dessas perguntas pessoais e 13 questões específicas a respeito do conhecimento empírico referente as árvores de sua localidade. Assim pode-se trabalhar o entendimento que cada indivíduo possui das espécies da flora de sua região e paralelamente correlacionar ao nível de formação escolar que essa pessoa possui. A ficha em questão está disponível em anexo para um melhor entendimento das respostas. A Tabela 4, nesse contexto, faz uma análise referente a questão do conhecimento popular do nome das espécies arbóreas que estão presentes em suas comunidades.

Tabela 4. Espécies arbóreas citadas, usos e frequência em Amarante do Maranhão.

Nome popular	Nome científico	Família botânica	Uso citado	Citações Frequência (%)
--------------	-----------------	---------------------	------------	----------------------------

Aroeira	<i>Myracrodruon urundeuva</i>	Anacardiaceae	Construção (estacas, 12 móveis, coberturas)	13,64%
Ipê amarelo	<i>Handroanthus albus</i>	Bignoniaceae	Construção (estacas, 12 móveis, coberturas)	13,64%
Jatobá	<i>Hymenaea courbaril</i>	Fabaceae	Construção e remédios 9	10,23%
Piquizeiro	<i>Caryocar brasiliense</i>	Caryocaraceae	Alimentação (extração 5 de óleo)	5,68%
Buriti	<i>Mauritia flexuosa</i>	Arecaceae	Alimentação e 4 artesanato	4,55%
Babaçu	<i>Attalea speciosa</i>	Arecaceae	Alimentação (extração 3 de óleo)	3,41%
Ipê roxo	<i>Handroanthus impetiginosus</i>	Bignoniaceae	Construção (estacas e 3 mourões)	3,41%
Amarelão	<i>Aspidosperma vargasii</i>	Apocynaceae	Construção / Sombra 2	2,27%
Angico	<i>Anadenanthera colubrina</i>	Fabaceae	Construção / Remédios 2	2,27%
Caju-de-janeiro	<i>Anacardium occidentale</i>	Anacardiaceae	Alimentação / Sombra 2	2,27%
Cedro	<i>Cedrela fissilis</i>	Meliaceae	Construção (móveis) 2	2,27%
Copaíba	<i>Copaifera langsdorffii</i>	Fabaceae	Medicinal (óleo) 2	2,27%
Jurema	<i>Mimosa tenuiflora</i>	Fabaceae	Construção / Remédios 2	2,27%
Mangaba	<i>Hancornia speciosa</i>	Apocynaceae	Alimentação / 2 Remédios	2,27%
Moreira	<i>Maclura tinctoria</i>	Moraceae	Construção / Sombra 2	2,27%
Mutamba	<i>Guazuma ulmifolia</i>	Malvaceae	Medicinal / Sombra 2	2,27%
Pitomba braba	<i>Talisia esculenta</i>	Sapindaceae	Alimentação / Sombra 2	2,27%
Açoita-cavalo	<i>Luehea divaricata</i>	Malvaceae	Construção / Sombra 1	1,14%
Algodão bravo	<i>Cochlospermum regium</i>	Bixaceae	Medicinal / Sombra 1	1,14%
Bacaba	<i>Oenocarpus bacaba</i>	Arecaceae	Alimentação 1	1,14%
Bacuri	<i>Platonia insignis</i>	Clusiaceae	Alimentação 1	1,14%

Barbatimão	<i>Stryphnodendron adstringens</i>	Fabaceae	Medicinal	1	1,14%
Bruto do mato	<i>Auxemma onocalyx</i>	Boraginaceae	Construção / Sombra	1	1,14%
Cachimbeiro	<i>Eschweilera ovata</i>	Lecythidaceae	Construção / Sombra	1	1,14%
Caneleiro	<i>Nectandra megapotamica</i>	Lauraceae	Construção / Sombra	1	1,14%
Capitão do campo	<i>Terminalia argentea</i>	Combretaceae	Construção / Sombra	1	1,14%
Castanha de burro	<i>Dipteryx alata</i>	Fabaceae	Alimentação / Sombra	1	1,14%
Catinga de porco	<i>Senna occidentalis</i>	Fabaceae	Medicinal / Sombra	1	1,14%
Imburuçu	<i>Pseudobombax marginatum</i>	Malvaceae	Sombra / Outros	1	1,14%
Maçaranduba	<i>Manilkara zapota</i>	Sapotaceae	Construção (tronco)	1	1,14%
Mororó	<i>Bauhinia cheilantha</i>	Fabaceae	Medicinal	1	1,14%
Mucuíba	<i>Platymiscium floribundum</i>	Fabaceae	Construção / Sombra	1	1,14%
Pau-de-leite	<i>Sapium glandulosum</i>	Euphorbiaceae	Sombra / Outros	1	1,14%
Pau-pombo	<i>Tapirira guianensis</i>	Anacardiaceae	Sombra / Construção	1	1,14%
Perquiteira	<i>Cochlospermum vitifolium</i>	Bixaceae	Sombra / Outros	1	1,14%
Pindaíba	<i>Xylopia aromatica</i>	Annonaceae	Construção / Sombra	1	1,14%
Sapucaia	<i>Lecythis pisonis</i>	Lecythidaceae	Alimentação / Sombra	1	1,14%
TOTAL	—	—	—	88	100%

Fonte: Autor, 2026.

Observa-se que foram citadas 37 espécies arbóreas ao todo, totalizando 88 citações. Entre elas, destacam-se com maior representatividade a Aroeira (*Myracrodruon urundeuva*), da família Anacardiaceae, e o Ipê Amarelo (*Handroanthus albus*), da família Bignoniaceae, ambos com 12 citações (13,64% cada), seguidos pelo Jatobá (*Hymenaea courbaril*), da família Fabaceae, com 9 citações (10,23%). É relevante notar que as três árvores mais citadas no estudo são amplamente utilizadas por produtores rurais locais para a fabricação de estacas, móveis e madeiras para coberturas de casas.

Segundo Carvalho (2003), a Aroeira possui madeira muito densa (1,00 a 1,21 g.cm³), o que viabiliza seu uso para fins estruturais devido à sua alta resistência. O mesmo princípio aplica-se ao Ipê Amarelo, com densidade entre 0,80 a 1,00 g.cm³, e ao Jatobá, que apresenta densidade entre 0,90 e 1,10 g.cm³; ambas são classificadas como madeiras densas e apresentam grande potencial como espécies nativas para fins produtivos.

Em continuidade aos resultados da tabela, identificam-se outras quatro espécies com ocorrência significativa no município: o Piquizeiro (*Caryocar brasiliense*), o Buriti (*Mauritia flexuosa*), o Babaçu (*Attalea speciosa*) e o Ipê Roxo (*Handroanthus impetiginosus*). Todas essas espécies possuem elevado potencial produtivo: o Piquizeiro e o Babaçu são valorizados pela extração de óleo de seus frutos; o Buriti destaca-se pelo fruto saboroso e pelo uso de suas palhas no artesanato; já o Ipê Roxo é reconhecido pelo potencial na extração de madeira para estacas e mourões, possuindo densidade entre 0,90 a 1,07 g.cm³ (Carvalho, 2003).

As demais árvores citadas de forma mais discreta pelos entrevistados também possuem potenciais produtivos variados, o que reforça a riqueza do saber local. Tais dados corroboram as informações discutidas no tópico seguinte, que detalha os principais benefícios e usos que os entrevistados atribuem às árvores em suas respectivas regiões.

3.2 Usos, Benefícios e Interação Homem-Natureza

As finalidades atribuídas às árvores pelos especialistas locais refletem um conhecimento utilitário diversificado, que vai além da exploração madeireira, abrangendo funções ecossistêmicas e medicinais, como ilustrado no gráfico abaixo.

Gráfico 1. Benefícios e usos da flora arbórea na percepção dos especialistas locais.



Fonte: Autor, 2026.

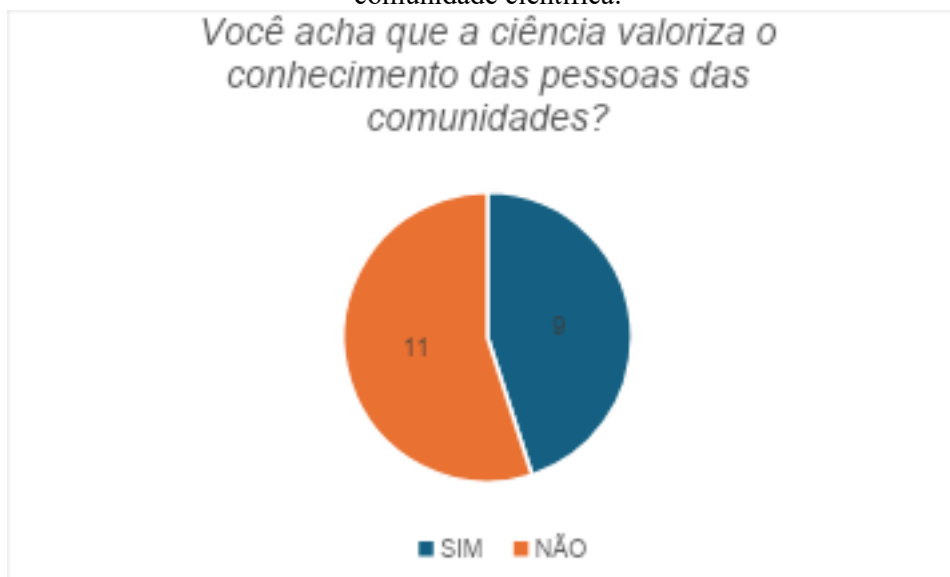
Os dados do Gráfico 1 mostram que a produção de remédios, o fornecimento de sombra e a construção são os principais benefícios percebidos. Essa percepção está em

consonância com os resultados do Inventário Florestal Nacional no Maranhão (IFN-MA), onde 76% da população rural do estado afirma utilizar produtos madeireiros para fins domésticos e 67% utiliza produtos não madeireiros. A discreta citação do uso alimentar no gráfico indica que o conhecimento local é especializado e focado na resistência e funcionalidade das espécies de madeira densa.

3.3 Percepção Ambiental e Diálogo de Saberes

Um dos pontos mais críticos do estudo refere-se à percepção da realidade ecológica local. Registrou-se uma unanimidade entre os entrevistados (100%) quanto à diminuição da cobertura vegetal na região. Essa percepção coincide com os alertas de Celentano (2018) sobre o "Mosaico Gurupi" ser a área mais ameaçada da Amazônia, com perdas severas de vegetação primária. Diante deste cenário de degradação, 100% dos informantes acreditam que a integração entre o conhecimento popular e o científico é a estratégia mais viável para a preservação. Essa visão valida a importância de estudos etnobotânicos que, como este, buscam transformar o saber tradicional em ferramenta de monitoramento. Contudo, há um distanciamento perceptivo sobre o reconhecimento desse saber, como demonstrado a seguir.

Gráfico 2. Percepção dos informantes sobre a valorização do conhecimento tradicional pela comunidade científica.



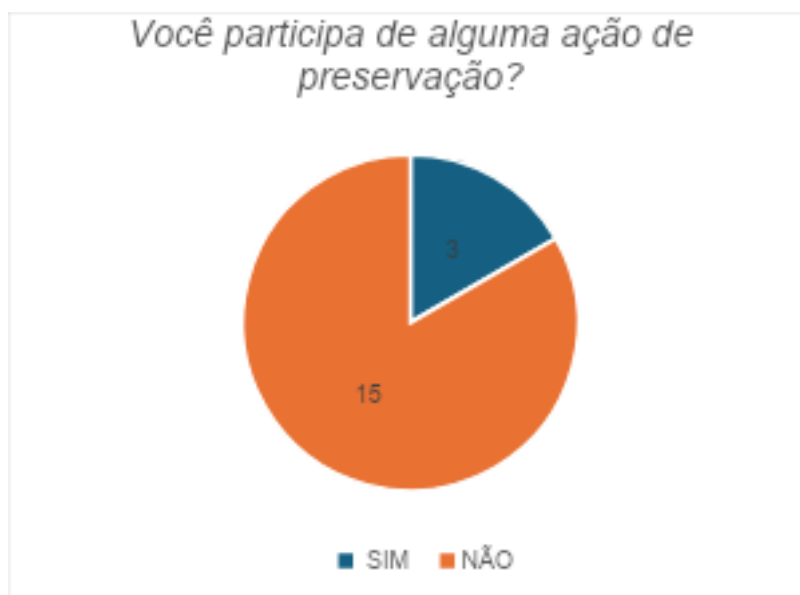
Fonte: Autor, 2026.

A análise do Gráfico 2 revela que a maioria dos especialistas locais não se sente valorizada pela ciência formal. Esse fenômeno é discutido por Santos (2007) como uma exclusão histórica de saberes não acadêmicos, que são frequentemente rotulados como desprovidos de rigor, o que acaba por marginalizar os próprios sujeitos detentores dessa cultura.

3.4 Desafios da Conservação e Impactos Rurais

Embora exista uma crença unânime (100%) de que as árvores devem ser preservadas, observou-se uma lacuna entre a consciência ambiental e a prática conservacionista.

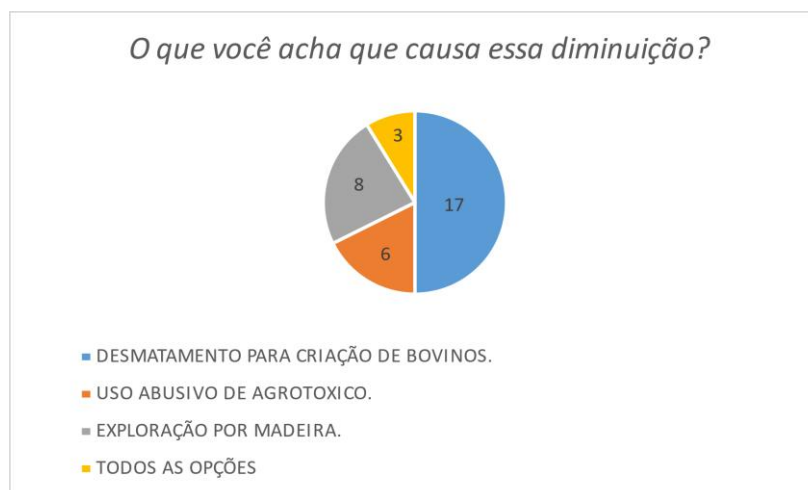
Gráfico 3. Engajamento dos participantes em ações práticas de proteção e conservação das árvores.



Fonte: Autor, 2026.

O Gráfico 3 demonstra que a maioria não realiza ações concretas de proteção, muitas vezes por considerar as soluções de manejo sustentável complexas ou inacessíveis. O conhecimento científico, portanto, deve atuar na redução dessas barreiras técnicas, oferecendo alternativas como a recuperação de pastagens degradadas para evitar novos desmatamentos. A pressão sobre a biodiversidade de Amarante, nesse cenário, é impulsionada por atividades econômicas específicas, detalhadas no último gráfico.

Gráfico 4. Fatores de degradação ambiental e pressões das atividades rurais sobre a vegetação nativa.



Fonte: Autores, 2026.

Conforme o Gráfico 9, 50% dos entrevistados apontam o desmatamento para a pecuária como o principal fator de degradação. Esses dados são validados pelo IMESC (2024), que identifica Amarante do Maranhão como detentor do segundo maior rebanho bovino do estado (364,1 mil cabeças). O uso de agrotóxicos em pastagens, também citado, agrava o quadro ao impedir a regeneração natural das espécies nativas, criando um ciclo de "simplificação faunística" e florística no bioma.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise da diversidade arbórea em Amarante do Maranhão demonstrou que o saber tradicional é um repositório riquíssimo de informações botânicas e ecológicas, atuando como um complemento indispensável à taxonomia formal. A identificação de espécies de alta utilidade funcional e densidade madeireira, como a Aroeira, o Ipê Amarelo e o Jatobá, reforça o potencial para o uso sustentável dos recursos regionais, mas também sinaliza a vulnerabilidade desses táxons frente à exploração desordenada.

Conclui-se, ainda, que o diálogo entre a nomenclatura popular e a classificação científica é fundamental para tornar a preservação ambiental uma prática socialmente enraizada. A percepção unânime dos entrevistados sobre a degradação da cobertura vegetal e a aceitação da união de saberes revelam uma comunidade consciente, mas que necessita de suporte técnico para converter a intenção de preservar em ações práticas de manejo sustentável.

Dessa forma, o fortalecimento da conservação na zona de transição Amazônia-Cerrado depende da mitigação de pressões econômicas, como a pecuária extensiva, por meio de programas de educação ambiental e recuperação de pastagens. Nesse cenário, valorizar o especialista local não é apenas um ato de reconhecimento cultural, mas uma estratégia biológica

vital para garantir que a megadiversidade maranhense seja protegida e mantida para as futuras gerações.

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE, U. P.; HANAZAKI, N. **As relações entre plantas e pessoas: a etnobotânica**. Interciencia, Caracas, v. 34, n. 8, p. 561–568, 2009.

BRASIL. Ministério do Meio Ambiente e Mudança do Clima. **Florestas do Brasil: dados e estatísticas 2024**. Brasília, DF: MMA, 2024.

CARVALHO, P. E. R. **Espécies Arbóreas Brasileiras**. Brasília: Embrapa Informação Tecnológica; Colombo, PR: Embrapa Florestas, 2003.

CPRM – Serviço Geológico do Brasil. **Relatório diagnóstico do município de Amarante do Maranhão**: projeto cadastro de fontes de abastecimento por água subterrânea. Teresina: CPRM, 2011.

DIEGUES, A. C. **Saberes tradicionais e biodiversidade no Brasil**. São Paulo: NUPAUB/USP, 2000.

DOS SANTOS, C. J. G. **Tipos de pesquisa**. Oficina da Pesquisa, 2016.

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Amarante do Maranhão**. Rio de Janeiro: IBGE, . Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/ma/amarante-do-maranhao.html>. Acesso em: 01 maio 2026.

IMESC – Instituto Maranhense de Estudos Socioeconômicos e Cartográficos. **Desempenho da Pecuária Maranhense**. v. 5, n. 1, 2024. São Luís: IMESC, 2024.

MARTIN, G. J. **Ethnobotany: a methods manual**. London: Chapman & Hall, 1995.

MOREIRA, T. M. **Os tipos de pesquisa**. Nos caminhos da iniciação científica, v. 1, p. 43, 2022.

OLIVEIRA, F. C. et al. **Avanços nas pesquisas etnobotânicas no Brasil**. Acta Botanica Brasilica, v. 23, n. 2, p. 590-605, 2009.

OLIVEIRA, T. G. (Coord.). **Diversidade Faunística do Maranhão**: avaliação da composição, áreas prioritárias, ameaças e recomendações de ações para sua conservação. São Luís: IMESC, 2022.

RIBEIRO, G. K.; FALEIRO, W. **Cultura, trabalho e saberes do campo na formação de professores do campo em ciências da natureza no Brasil**. Humanidades & Tecnologia (Finom), v. 27, out./dez. 2020.

ROSA, M.; OREY, D. C. **Etnomodelagem: as perspectivasêmica e ética na pesquisa em Etnomatemática e Modelagem**. Seminário Internacional de Pesquisa em Educação Matemática, v. 5, p. 1-20, 2012.

SERVIÇO FLORESTAL BRASILEIRO. **Boletim SNIF 2024**. Brasília: SFB, 2024.

SERVIÇO FLORESTAL BRASILEIRO. **Inventário Florestal Nacional - principais resultados: Maranhão - IFN MA**. Brasília, DF: MMA, 2024.

ANEXO A – QUESTIONÁRIO DE PESQUISA**DIVERSIDADE ARBÓREA EM AMARANTE DO MARANHÃO: UM DIÁLOGO ENTRE NOMENCLATURA POPULAR E CLASSIFICAÇÃO CIENTÍFICA****1. Dados do entrevistado**

Idade: () 18–20 () 21–40 () 41–60 () 60+

Sexo: () Masculino () Feminino ()

Escolaridade:

() Fundamental

() Médio

() Superior

Profissão: _____

Você mora na zona:

() Urbana () Rural

2. Conhecimento sobre árvores locais.

Você conhece árvores nativas da sua região?

() Sim () Não

Cite 5 árvores que você conhece na sua região:

1. _____

2. _____

3. _____

4. _____

5. _____

Como você aprendeu o nome dessas árvores?

() Família.

() Escola.

() Comunidade.

() Experiência própria.

3. Nomenclatura popular

Você costuma usar nomes populares para identificar árvores?

() Sim () Não

Você acha que uma mesma árvore pode ter nomes diferentes?

() Sim () Não

Já viu árvores diferentes com o mesmo nome?

() Sim () Não

Na sua opinião, os nomes populares são importantes?

() Sim () Não

Por quê? _____

4. Classificação científica

Você já ouviu falar em nomes científicos?

() Sim () Não

Você sabe por que as plantas têm nomes científicos?

() Sim () Não

Você acha importante usar nomes científicos?

() Sim () Não

Por quê? _____

Você já estudou sobre isso na escola?

☐ Sim ☐ Não

5. Relação entre conhecimento popular e científico

Você acha que o conhecimento popular ajuda a ciência?

☐ Sim ☐ Não

Você acha que a ciência valoriza o conhecimento das pessoas da comunidade?

☐ Sim ☐ Não

Você acredita que os dois conhecimentos (popular e científico) devem trabalhar juntos?

☐ Sim ☐ Não

Por quê? _____

6. Uso e importância das árvores

Para que você utiliza as árvores da sua região?

☐ Alimentação

☐ Remédio

☐ Construção

☐ Sombra

☐ Outros: _____

Você acha que há diminuição das árvores na sua região?

☐ Sim ☐ Não

O que você acha que causa essa diminuição?

☐ Desmatamento para criação de bovinos

☐ Uso Abusivo de Agrotóxico

☐ Exploração por madeireiros

7. Conservação

Você acha importante preservar as árvores da região?

☐ Sim ☐ Não

Você participa de alguma ação de preservação?

☐ Sim ☐ Não

O que você acha que poderia ser feito para preservar mais as árvores?

